

FLY2600**Carta familiar entre marido e mulher. De Peniche para [Lisboa].****Data**

04/05/1970

Referência Arquivística

N.A.

Arquivo Privado, Arquivo Privado, FLY2600, Fólios [1]r-v

Resumo

O autor critica a destinatária por ela ter recuado numa decisão comum relativa à educação de uma das filhas. Tenta influenciá-la no sentido de deixar que essa filha mude de cidade e vá para junto da família paterna. Relembra o passado recente e tenta argumentar em função dele. Termina com pedidos concretos: marcação de consulta de dentista para uma filha e envio de fotografias e slides.

Local

Peniche

Cartas relacionadas

FLY0002 FLY0008 FLY0010 FLY0011 FLY1039 FLY1040 FLY1041 FLY1042 FLY1067 FLY1116
FLY2024 FLY2025 FLY2026 FLY2027 FLY2069 FLY2071 FLY2074 FLY2076 FLY2077 FLY2078
FLY2438

Texto**Fl. [1]r**

Peniche,

4. Maio. 1970

[N]:

Escrevo-te um tanto apressadamente. Até ao último momento – isto é, até agora mesmo – esperei por notícias tuas acerca das nossas filhas. Ainda

não sei se já mostraste (indo ou telefonando) a análise da [N] ao dr. [N], nem qual é, afinal, a conclusão segura a que se chegou. A mim disseram-me –

– sob reserva de opinião mais fundamentada e experiente – que seria possivelmente necessário repetir a análise. Que há? Como tem andado a [N]? Está mais

gordinha? Tem mais apetite? (Recebeste tónicos? Pedi-os ao meu Pai). E a [N] (sem tranças!?) como está? A escola quando acaba?

Contava não ter que te dizer senão mais meia dúzia de coisas, quase sem importância, ao correr da pena. Recebi, no entanto, a visita da minha

Irmã e vejo-me forçado a pôr alguns pontos nos ii. Vejamos, sinteticamente:

1. Escrevi-te no sábado, dia 24, uma longa carta sobre a ida da [N] para o Porto (deves ter recebido 2a. feira); conversamos aqui no domingo anterior, isto é, dia 25 de Abril. Embora não fosse essa a tua opinião, acabaste por aceitar a ida da [N]. Perguntei-te expressamente se podia escrever à [N] e tu respondeste-me claramente que sim. Quero crer que te recordas. Em função disso, escrevi à minha Irmã, à [N] e ao meu Pai, pondo este problema ([N]), no âmbito e com a reserva que entendi correctas. Sei que a [N] te mostrou a minha carta.

2. Soube agora que estiveste com a [N] e a [N] no domingo, salvo erro; informou-me de como decorrera a conversa. Quero já salientarte que eu considero os termos e o conteúdo dessa conversa descabidos, sem interesse, ultrapassados, senão mesmo contra-producentes. A questão não é de "bons" conselhos

(vélhos e revélhos) ou coisa parecida: é uma situação de facto que urge resolver de facto. Foi isto que exprimi a minha Irmã com o tacto necessário.

3. Entretanto, surpreendeu-me a tua posição. Tanto quanto o posso ajuizar, reputo-a ambígua, informe, equívoca, sem firmeza, desnorteada e des-norteante, etc. O problema [N] é suficientemente delicado (doloroso, se quizeres) para que a discussão se arraste, se enrole, a moer e moer e moer... Afirmaste considerar desnecessária a ida da [N] para o Porto. É queres fugir a encarar a realidade. A personalidade e o carácter da [N] estão sendo distorcidos, corroidos, reprimidos, traumatizados, complexados – e profundamente – pela actual situação e ambiente. Só um total alheamento, ou uma enorme insensibilidade ou uma espantosa cegueira de egoísmo, pode impedir que se vejam os milhentos (não é exagero!) pormenores reveladores, grandes e pequenos, de enorme importância ou quase sem importância, mas constantes, permanentes, crescentes. Poupemmo-nos excessivas concretizações.

4- Afirmaste ainda que as opiniões da tua Mãe e da tua Irmã eram francamente contrárias àquela ida. Eu não conheço a tua Mãe nem a tua Irmã senão pelo que ouvi (e pelo que ouço) dizer delas. [...] †Tenho querido, pois, não me pronunciar; e desejaria continuar a fazê-lo por mais elementos que possuisse ou possuia sobre as suas vidas. De qualquer modo, dispenso-me agora de contrabater tais opiniões, muito embora te saiba altamente influencável... É que o problema compete-nos a nós resolvê-lo. Tens que reter isto d uma vez por todas. Sem qualquer escapatória.

5- Repito uma outra vez: a minha opinião, perfeitamente clara e definida, muito e muito meditada e há muito tempo, é esta: não existem as condições mínimas para a [N] se manter em Lisboa; a melhor solução, apesar de alguns inconvenientes imprevisíveis, é a ida da [N] para casa da [N].

TU SABE-LO. Mas além disso, sempre nos garantimos, das formas mais diversas e solenes, que, em situações como esta, a decisão sobre a [N] me caberia a mim. Está provado que as células do cérebro humano são as únicas que nunca se renovam: tem tal facto, ao menos, a vantagem de não nos ser possível esquecer enquanto vivermos.

Fl. [1]v

6- Desde que estou preso – para não nos enfronharmos agora mais para trás – tenho-te apoiado, ajudado, encorajado, etc, quase incondicionalmente e tanto quanto posso e consigo, a resolveres com independência e coerente contigo própria os problemas fundamentais que defrontas. A vinda para Lisboa, o tratamento médico, o encontrar do primeiro emprego, a própria adaptação à nova situação, o regresso das nossas filhas, etc, etc. Muito ou pouco, bem ou mal, tu o julgarás; aliás, não me vem daqui mérito nenhum para mim, nem te diminui mérito algum a ti. Acho necessário lembrar-to apenas. Também me tenho recusado sistematicamente a envolver – seja em que grau for, com este ou com aquele, muito ou pouco, nisto ou naquilo – em "análises" esgaravadoras de passados ou de personalidades ou de factos ou de defeitos ou de qualidades. Tenho mantido sempre uma reserva que (desculpa!) me orgulha. Quero, quero muito, continuar intransigentemente a fazer uma coisa e outra. Ajuda-me! Porque eu não sei se o saberei fazer, se tu jogares de facto com o que chamaste «uma situação de vantagem, com circunstâncias a teu favor».

7- Releio isto e pergunto-me: para quê levamos a discussão e as mútuas reacções por aqui fora? Para quê, para quê? Conversamos, discutimos, falamos, discutimos ambos e ambos (como é justo e lógico) chegamos a um entendimento, a uma plataforma, a um relativo acordo. Imperfeito? Pois claro, que outro seria impossível! (Seria e é!) Teríamos com toda a certeza muito ambos ainda a dizer, hoje e amanhã e depois. Vem meu Pai ou o [N] e dizem: – mas a [N] também deve ir para o Porto, estás a sacrificá-la! Virão tua Mãe ou tua Irmã e dirão qual-quer outra coisa. Etc. E [...] de cada vez vamos nós dar-lhes ouvidos e reabrir a discussão e a ferida? Até onde? Até quando? Em que termos?

Em suma: eu entendo decididamente que não. É por isso que te escrevo isto tudo; para nos pouparmos nova conversa no domingo e outra no outro e assim sucessivamente. Não pode ser. Nem tu (nem eu) temos saúde para isso. No domingo (vindo tu cá) quero descansadamente ver as nossas filhas, conversar com elas, encher-me da alegria de as ver, de conviver um pouco de nada com elas, como não tenho feito.

Agora o que importa não é discutir mais. É que tu própria ajudes, facilites a que a [N] vá para o Porto tal como discutimos, tal como já acordamos, tal como sempre nos garantimos, tal como a situação o exige – e tu sabe-lo. Eu, por mim, bem tens visto ; quanto tenho respeitado, facilitado e ajudado a concretizar outros acordos, também relativos, também imperfeitos, mas a que já chegamos: pronto!

Sobre isto é tudo.

Não tragas mais livros porque ainda não despachei estes. Eu depois digo-te qualquer coisa. Não te esqueças também do que tão claramente te disse sobre as coisas que deves ou não deves trazer-me.

Queria-te pedir se consegues lembrar-te donde estarão as fotos e os slides que nós tínhamos; sobretudo as fotos que chegamos a colar num album. A minha Mãe não as encontra. Tê-las-ás tu? Estarão na [N]? Vê se te lembras.

A tua saúde? Achei-te magra e abatida. O exame de estenografia correu-te bem? Eu julguei que era na sexta feira passada, mas afinal deve ter sido adiado para 2a. feira: que escola esquisita!

Eu cá estou, razoavelmente saudável, razoável bem disposto, já com saudades desses pirralhos que são nossos. Diz-lhes que as amo muito, que as beijo muito, que as mimo muito, que lhes quero muito. Eu escrevo-lhes uns postalecos.

Beijo-te

[N]

P.S.

PS – Como já sabes, impõe-se que os dentes da [N] sejam urgentemente chumbados, etc. Como sabes parece que a besta da criada da tal colega da [N] a humilhou fortemente. Vê se te apercebes destas coisas e nestes dois meses apoias e dás força e carinho à miúda.

[N]

Contexto

prisão

Palavras Chave

Tipo: crítica

Normas de Transcrição

Transcrição quasi-paleográfica, normalizando-se apenas a fronteira de palavra. As conjeturas do editor surgem entre parênteses retos e as leituras difíceis foram assinaladas com contraste de cor. As formas emendadas nos originais manuscritos estão rasuradas com um traço sobreposto, enquanto as formas acrescentadas nos mesmos originais se transcreveram na entrelinha superior. Com o intuito de salvaguardar dados privados, as ocorrências de nomes de pessoa surgem substituídas pela letra [N], as de nome de lugar, pela letra [L] e as de outros dados, pela letra [D]. Finalmente, as cartas de acesso restrito têm reticências entre parênteses retos a assinalar texto suprimido.

Suporte Material

Suporte: uma folha de papel de carta pautado de 30 linhas escrita em ambas as faces; carimbo da censura da Cadeia do Forte de Peniche.

Medidas: 275mm × 211mm

Mancha Gráfica: sem linhas em branco entre a fórmula de endereço e o início do texto.

Créditos

Transcrição: Cristina Albino

Codificação DALF: Cristina Albino

Discorda da nossa leitura? Por favor escreva-nos: cardsclul@gmail.com